

6.

Conclusão

A Teologia de Karl Rahner impressiona não só pela quantidade de temas explorados, explicitando assim a sua preocupação pastoral, mas também pela investigação rigorosa até as últimas implicações em cada questão.

Podemos dizer que, embora não englobe todos os aspectos da sua reflexão, o método transcendental, amplamente empregado pelo nosso autor, é responsável por grande parte das inovações que contribuíram para que a teologia de Rahner fosse uma das mais relevantes no século passado. Ao refletir sobre a fé e seus enunciados a partir da situação do homem seu contemporâneo, situado num ambiente histórico-cultural tão diverso e distante daquele que, sob muitos aspectos, ainda estava presente à teologia da época, Rahner mostrou em que sentido se pode crer na Modernidade, sem atentar em nada contra a razão, pelo contrário, levando-a às suas últimas conseqüências.

Por isso mesmo, podemos dizer que a reflexão de Rahner ajuda a tirar do ato de fé qualquer suspeita de irracionalismo, de que seja algo folclórico, mais ligado ao passado do que uma resposta para o homem moderno.

Embora não explícitas no presente trabalho, tomamos conhecimento de algumas reações críticas a alguns pontos que, inicialmente, pareciam controvertidos no pensamento de Rahner, como, por exemplo, o conceito de “cristão anônimo”. Como pano de fundo comum, tais críticas entendiam o método transcendental como uma redução da teologia à Filosofia, e até mesmo, da Graça à Natureza.

Tais críticas parecem infundadas na medida em que, existencialmente não se pode separar natureza e Graça. E mesmo na reflexão teórica de Rahner, a primeira sempre aparece como pressuposto para a segunda. O “natural” tem a função de nos fazer compreender que o sobrenatural, ainda que não exigido pela ordem natural, não lhe é extrínseco, mas preenche a uma demanda já existente, embora não tivesse obrigatoriamente que fazê-lo, é ainda dom. Outra crítica, que parece mais justificada, é a dimensão essencialmente individual, sem muitos vínculos com a coletividade presente na fundamentação de Deus como Mistério, a partir da inteligência e liberdade humana.

Apesar do contexto em que nos encontramos hoje ser já diverso daquele com quem Rahner procurou dialogar, muitos denominam nosso tempo como “Pós-modernidade”, a reflexão deste teólogo alemão é imensamente válida.

Gostaríamos de destacar nesse sentido, o esforço, sempre necessário de se propor a fé a partir da realidade concreta e atual do ser humano, sem ter medo de perceber que algumas formulações, válidas para seus tempos, hoje correm o risco de soarem mitológicas.

Também o extremo cuidado ao se falar sobre Deus deve, ao nosso ver, nortear os discursos hoje em dia. Isto é necessário para não confundi-lo com uma realidade deste mundo, que como um objeto, pudesse ser assumido ou não de acordo com a necessidade ou convicções pessoais. O caráter universal da presença divina, enquanto horizonte último da nossa liberdade e inteligência, a questão de que todo progresso e autonomia verdadeiros não são contra, mas inclusive proporcionados pelo próprio Deus já que só podemos “expandir-nos” porque há em nós uma dimensão infinita, merece ser melhor trabalhado em nossos dias na teologia e de maneira existencial na Igreja.